

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030217

A imprensa e a pesquisa histórica

20-2-76

Odilon Nogueira de MATOS

Correio Popular

Seriam muitos, se a todos enumerasse, os jornalistas campineiros que se dedicaram à História. No mais das vezes, no campo da história local, dada a maior acessibilidade das fontes, mas, em alguns casos, como no exemplo já citado de César Bierrenbach, levando suas indagações e seus objetivos a áreas mais diversas, nos quadros da história geral. Seus nomes não podem ser omitidos num levantamento de fontes a que se proceda, com a finalidade de tornar exequível a pesquisa histórica em nossa cidade. E' pena que seus escritos, na maior parte, tenham ficado nas páginas dos jornais e nem sempre as coleções destes estejam completas ou em condições práticas de consulta. Não faz muito, o dedicado José Nogueira Novaes andou arrolando editoriais de alguns órgãos da imprensa campineira do fim do século. Não sei se ele prossegue nesse trabalho.

A verdade é que será uma pena se o seu levantamento ficar interrompido. Altamente meritório será continuá-lo, ele ou outrem que a isso se dispuser. E mais ainda: faz-se necessário que seja divulgado, para a facilidade de pesquisa, evitando-se que cada pesquisador precise fazer novamente o que ele já fez.

Há poucos meses uma tese de mestrado foi apresentada à Universidade de São Paulo sobre a propaganda republicana em Campinas (tema requíssimo...) e a base principal da pesquisa do autor foi a imprensa campineira. Outras estão sendo elaboradas, aqui ou na Universidade de São Paulo, com base nessas mesmas fontes jornalísticas. O embaraço em que todos esbarram é enorme, resultado sobretudo da falta de condições adequadas à pesquisa. Nem o Centro de Ciências, nem as bibliotecas, nem algum dos pequenos museus espalhados pela cidade à espera da tão anunciada unificação, nem as próprias redações dos jornais que ainda circulam, oferecem condições mínimas propícias ao pesquisador, cuja preocupação há de ser sempre fazer render o máximo no menor tempo possível, especialmente aqueles que vêm de fora e ficam alojados em hotéis com grandes despesas, enquanto realizam suas pesquisas. Conheço o problema de perto — e como eu, todos quantos tenham tido necessidade de pesquisas fora do local em que residem. Facilitar ao pesquisador as ferramentas para o seu trabalho, de modo a fazê-lo perder o mínimo possível do seu precioso tempo, deve ser, pois, a meta principal de qualquer organismo que se crie (museu, arquivo, centro de documentação...) visando ao desenvolvimento da pesquisa histórica, não apenas em Campinas, mas em qualquer lugar do país. Sim, porque o problema não é só de Campinas. Quem quer que já tenha realizado pesquisas em arquivos, museus ou bibliotecas de qualquer cidade brasileira, há de ter experimentado o mesmo

problema. Há exceções, é claro, que demonstram que as coisas podem funcionar bem: o Museu Imperial, de Petrópolis, o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, a hemeroteca do Instituto Histórico de São Paulo, o arquivo de "O Estado de São Paulo", a biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo e uns poucos mais.

Tais considerações ocorreram-me face a importância, que cada vez se torna maior, da imprensa como ferramenta de trabalho para o pesquisador, não apenas de História, mas de qualquer área. Hoje "não se sabe onde termina o artigo e onde começa o livro" lembrava o grande jornalista Vitor Viana, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, na qual substituiu a outro grande jornalista que, tanto quanto ele, também fez história: Felix Pacheco. Há muita coisa que não chega a aparecer em livro. Fica nas páginas dos jornais. E como são poucos os particulares que têm condições de possuir coleções de jornais ou mesmo de recortes deles (e de taque-se, aqui, o alto privilégio, a este respeito, de Jolumá Brito), cabe aos órgãos públicos (bibliotecas, museus, arquivos) ou às próprias redações dos jornais cuidarem de seus arquivos, conservando suas coleções completas com todo o zelo, para que não venham, com o tempo, a tornarem inadequadas à consulta. Já temos, no Brasil, a desvantagem de um clima altamente favorável aos insetos papirófagos, o que exige de nossos arquivos e bibliotecas cuidados muito maiores que em qualquer outro país não tropical. E se ao "zelo" dos insetos acrescermos o "desmazelo" dos homens, aí, então, fica explicado porque entre nós as coisas se destroem tão depressa.

Se mencionei o papel das redações dos próprios jornais é principalmente porque a imprensa campineira continua aque a tradição historiográfica que já apontei com relação aos jornalistas do passado.

Tal como ontem, há hoje em Campinas uma plêiade de jornalistas que se dedicam à História: Barbosa Pupo, Julio Marriano, Jolumá Brito, Horta Lisboa, entre outros, além daqueles que, sem serem jornalistas propriamente, mas colaboradores regulares da imprensa, concentram grande parte de seus escritos em temas de interesse para a história da cidade ou mesmo do país. São raros, lembrava há pouco, os jornalistas ou colaboradores de jornais que têm possibilidade de ver seus escritos reunidos em volume, pois, no mais das vezes, tudo quanto escrevem se perde, esparsos pelas páginas amareladas com o tempo dos órgãos da imprensa de que foram ou são colaboradores. E' para evitar este desperdício, este desserviço à cultura, que implica na perda lamentável e irreparável de páginas e páginas de grande valia, que as bibliotecas e os arquivos (ou as redações dos jornais no caso dos que ainda circulam) deveriam se movimentar para a salvaguarda de um patrimônio cultural que o pesquisador do futuro (ou mesmo do presente) de modo algum poderá dispensar.